



### MUDANÇA NO PARADIGMA PRONOMINAL DO CASO RETO EM TEXTOS DE ALUNOS DE 7º ANO DE DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MATO GROSSO

Juliane Lewinski Maculan<sup>1</sup>  
[julianemaculan@hotmail.com](mailto:julianemaculan@hotmail.com)

Rosimeri Mirta Fischer<sup>2</sup>  
[meyre\\_fischer@hotmail.com](mailto:meyre_fischer@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo discorre sobre uma pesquisa realizada com alunos de 7º anos de duas escolas estaduais de Mato Grosso, em Sinop e Nova Guarita. Tem como objetivo verificar a mudança no paradigma pronominal do caso reto em textos de alunos. Mudança que ocorreu devido à inserção dos pronomes ‘você’/‘vocês’ e ‘a gente’ pelo processo de gramaticalização ao longo do tempo (COELHO *et al.*, 2015). A coleta dos envelopes de variação ocorreu através de aplicação de Sequência Didática pautada nas teorias de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Constatou-se que a mudança no paradigma está presente nos textos dos alunos, embora as marcações no paradigma pronominal canônico estejam atuantes devido ao processo de escolarização sobre os estudantes. Também verificou-se a necessidade de se trabalhar uma pedagogia de variação linguística nas escolas, conforme Cyranka (2015), para que haja a reflexão linguística e a construção de uma aprendizagem sociolinguística que amplie tanto a oralidade quanto a escrita dos alunos do ensino fundamental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mudança; Paradigma pronominal; Sociolinguística

**ABSTRACT:** This article discusses a research carried out with 7th grade students from two state schools in Mato Grosso, in Sinop and Nova Guarita. It aims to verify the change in the pronominal paradigm of the straight case in student texts. A change that occurred due to the insertion of the pronouns 'you' / 'you' and 'the people' by the process of grammaticalization over time (COELHO *et al.*, 2015). The collection of the envelopes of variation occurred through application of Didactic Sequence based on the theories of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004). It was observed that the paradigm shift is present in the students' texts, although the markings in the canonical pronominal paradigm are active due to the students' schooling process. It was also verified the need to work a pedagogy of linguistic variation in schools,

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e Espanhol pela UNIC – Universidade de Cuiabá, *campus* de Cuiabá/MT. Especialista em Linguística Aplicada à Língua e à Literatura pela FAZ – Faculdade de Selvíria/MS, polo de Guarantã do Norte/MT. Professora pela rede Estadual de Mato Grosso/SEDUC/e lotada na Escola Estadual 13 de Maio no município de Nova Guarita/MT. Mestranda do curso de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS no *campus* de Sinop/MT. E-mail: [julianemaculan@hotmail.com](mailto:julianemaculan@hotmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas – pelo Projeto Parceladas na UNEMAT, *campus* de Cáceres/MT. Especialista em Psicopedagogia pela AJES (Associação Juinense de Ensino Superior do Vale do Juruena) de Juína/MT. Professora pela rede Estadual de Mato Grosso/SEDUC/e lotada na Escola Estadual Professor Elídio Murcelli Filho de Aripuanã/MT e pela rede Municipal SEMEC/Aripuanã/MT na Escola Municipal Professor Jari Edgar Zambiasi. Mestranda do curso de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS no *campus* de Sinop/MT. E-mail: [meyre\\_fischer@hotmail.com](mailto:meyre_fischer@hotmail.com).



according to Cyranka (2015), so that there is linguistic reflection and the construction of a sociolinguistic learning that amplifies both the oral and the writing of the elementary school students.

**KEYWORDS:** Change; Pronominal Paradigm; Sociolinguistics

## 1.Introdução

A sociolinguística tem pouca difusão na escola, possivelmente por desconhecimento de muitos professores sobre as contribuições dessa área da linguística no desenvolvimento da escrita amparada nos modelos da norma culta. Nessa perspectiva, a pedagogia da variação linguística pode proporcionar reflexões sobre os usos de variedades da língua portuguesa, possibilitando a ampliação das competências linguísticas dos estudantes. Nesse sentido, Cyranka (2015, p. 33) assevera que:

[...] preocupados com a defasagem entre o que é necessário saber na sociedade contemporânea, dominada pela escrita, e o que nossas crianças e nossos jovens têm demonstrado alcançar em competência de leitura e escrita. Sem dúvida, a sociolinguística educacional, a pedagogia da variação linguística tem um importante papel a desempenhar nessa área do ensino.

O trabalho com a sociolinguística educacional leva em conta a contribuição inicialmente dos povos indígenas, africanos e portugueses para a formação do português brasileiro, enfatizando um ensino reflexivo e produtivo. Nesse aspecto, os alunos podem constatar as mudanças ocorridas não só no léxico, mas também na sintaxe e morfologia e dinamizarem o conhecimento. Desse modo, os estudantes podem perceber que a norma-padrão, que foi estabelecida no século XIX, possui discrepâncias com a norma culta em uso na contemporaneidade (FARACO, 2012).

No trabalho com a pedagogia da variação linguística, portanto, os alunos podem evidenciar mudanças na língua portuguesa ao longo do tempo e que não menosprezam o falante, mas se adequam à nova sociedade contemporânea. Uma dessas mudanças foi no paradigma pronominal do caso reto, pois pronomes como ‘você’/’vocês’ e ‘a gente’, que foram inseridos nesse paradigma, impeliram alterações com o passar do tempo, ocorrendo um processo chamado de gramaticalização (COELHO *et al.*, 2015).

Diante da mudança no paradigma pronominal do caso reto, o objetivo principal desse texto é relatar observações realizadas a partir de uma pesquisa feita com alunos de duas turmas de 7º anos de duas escolas públicas de Mato Grosso, uma em Sinop e uma em Nova Guarita. A proposta de trabalho pautou-se na sociolinguística voltada para uma pedagogia da variação linguística, na qual enfocou-se a mudança no paradigma citado acima e fez-se refletir sobre essas ocorrências em textos escritos dos alunos.

## **2. Escola e variação linguística**

Nas aulas de Língua Portuguesa infelizmente o trabalho com a variação linguística tem avançado muito pouco. Ainda predomina a concepção tradicional normativa das línguas humanas e são disseminados valores como “certo” e “errado” de forma absoluta, ignora-se, assim que as variedades estão ligadas a valores culturais e sociais. Além disso, muitas vezes os professores esquecem que o homem constitui-se pela linguagem e que esta se vincula a ideologias particulares.

Embora linguistas pesquisadores apresentem reflexões bem fundamentadas sobre a variação linguística no Português Brasileiro (PB), os conceitos tradicionais praticamente ainda não foram alterados, muito menos as atitudes e as práticas tanto na sociedade quanto na educação (FARACO, 2015). Este autor postula, então, sobre a acredita na necessidade de uma pedagogia que ofereça aos alunos acesso ao domínio da expressão culta sem menosprezar as expressões ditas populares.

Corroborando com o autor acima citado, Cyranka (2015) afirma que a sociolinguística educacional com uma pedagogia de variação linguística tem um papel importante na área do ensino, pois pode contribuir com o desenvolvimento das competências linguísticas a partir daquelas que os estudantes trazem consigo à escola. Além disso, a autora afirma que “O perfil da escola tradicional não responde mais ao que já somos capazes de saber e de produzir” (CYRANKA, 2015, p. 34).

Ressalta-se que os alunos vivem em meios sociais heterogêneos e estão expostos à diversidade linguística, essas experiências podem favorecer o trabalho com a



escrita e com a oralidade, uma vez que estas duas competências linguísticas devem ser desenvolvidas pela escola. Vale salientar, ainda, que a escola não vai ensinar o estudante a falar a sua própria língua materna, mas criar situações de reflexão sobre usos de variedades em distintos e contextos de fala e de escrita.

Um recurso pertinente no trabalho voltado para a educação sociolinguística são os eventos de letramento, pois, de acordo com Cyranka (2015, p. 42), “[...] eventos de letramento conduzem à reflexão sobre os diferentes usos da língua e sua inserção em contextos e práticas culturais prestigiadas, quais sejam aqueles em que são utilizadas as variedades cultas da língua”. A autora cita em seu artigo alguns eventos de letramento realizados com alunos do ensino fundamental II e que tiveram resultados satisfatórios tanto para o trabalho de educação sociolinguística quanto para o desenvolvimento da escrita e da oralidade.

Portanto, implantar uma pedagogia da variação linguística propiciaria o acesso dos alunos de camadas populares às variedades cultas da língua. Dessa forma, garantindo uma educação de qualidade àqueles que vivem às margens das variedades prestigiadas e, por isso, tratados com preconceito tanto pelas variedades que utilizam quanto pelo fator econômico.

### 3. Formação do português brasileiro

As línguas mudam por diversos fatores, dentre eles destacam-se as relações linguísticas entre distintas culturas. No Brasil desde o início da colonização portuguesa a língua recebeu influências linguísticas dos indígenas, africanos e depois de imigrantes que vieram estabelecer-se no país, principalmente durante períodos de guerra em outros países. Todas essas línguas alteraram em alguns aspectos o português falado no Brasil e é importante que a escola considere esses fatores ao trabalhar a língua portuguesa.

Quando os portugueses vieram para o Brasil por volta de 1530, o território brasileiro era habitado por índios e muitos desses colonizadores tiveram filhos com mulheres indígenas, o que resultou em uma mudança na língua portuguesa que foi

trazida pelos falantes europeus. Isso aconteceu porque as crianças ficavam com suas mães e falavam uma língua familiar que era de base tupi, chamada língua geral, e só iam aprender a língua portuguesa quando iam à escola.

De acordo com Lucchesi (2008, p. 29), “Só uma reduzida parcela dos homens ligados à administração colonial dominava plenamente a língua portuguesa, que as crianças aprendiam quando tinham a oportunidade de ir à escola”. Esse fator iniciou a mudança na língua portuguesa falada no Brasil, e que é possível notar em palavras e expressões indígenas que foram incorporadas ao português, além de alterações na sintaxe da língua.

Lucchesi (2008) acrescenta ainda a influência de línguas africanas que foram trazidas para o Brasil com os negros escravizados, embora tenha sido uma influência pequena devido à desarticulação social e familiar dos africanos. Segundo o autor,

[...] até meados do século XIX o português tinha de conviver, muitas vezes em situação de inferioridade, com as línguas indígenas e africanas, o colonizador foi impondo sua língua, em função do prestígio social e do poder econômico, sem deixar de recorrer à violência e à repressão aberta à religião, à cultura e à língua dos povos dominados (LUCCHESI, 2008, p.30).

A relação entre as línguas indígenas, africanas e portuguesa resultou em uma língua diferente da portuguesa falada na Europa. Além disso, a distância entre Brasil e Portugal ocasionou em um recorte do português falado a partir de 1530, que foi alterando no país de origem, Portugal, e que não recebeu as mesmas alterações pela maioria dos falantes brasileiros (BORGES *et al.*, 2013).

No entanto, por imposição ignorou-se o falar do PB e instaurou-se uma norma-padrão para todos os falantes, mas que não foi acessível a toda a população, uma vez que as diferentes classes sociais se apropriam diferentemente da língua, pois esta sempre está ligada às estruturas social e cultural de cada comunidade.

Faraco (2012, p. 40) cita que “A codificação que se fez aqui, na segunda metade do século XIX, não tomou a norma culta brasileira de então como referência”.

De acordo com o autor, o modelo não foi a língua culta de Portugal, mas um modelo de alguns escritores do Romantismo, o que distanciou ainda mais os falantes do PB.

Ainda hoje a norma-padrão estabelecida no século XIX está presente em muitas gramáticas escolares, ignorando, além das influências já citadas acima, as mudanças que a língua sofre com o tempo. Mudanças estas que estão ligadas a questões econômicas, políticas, sociais e culturais. Entre as mudanças da língua portuguesa uma das variações das mais significativas tem sido a pronominal. Coelho *et al.* (2015, p. 153) afirma que:

De todas as mudanças por que passou o português ao longo dos séculos, talvez a pronominal tenha sido a mais significativa. Refletir sobre as formas pronominais antigas e as formas novas é uma das importantes tarefas do professor de língua.

Logo, propiciar discussões e estudos nas aulas de português sobre a mudança do paradigma pronominal observando as alterações no uso dos falantes de norma culta do PB e a gramaticalização de termos que acabam sendo incorporados às gramáticas é importante para a compreensão da língua pelos estudantes.

#### 4. Paradigma pronominal

O paradigma pronominal encontrado na maioria dos livros didáticos está ligado à tradição gramatical, no entanto, não representa as variedades usadas no português brasileiro contemporâneo, como é possível observar no quadro abaixo.

PESSOAS	PARADIGMA 1	PARADIGMA 2
P 1	EU	EU
P 2	TU	TU – VOCÊ
P 3	ELE (A)	ELE (A)
P 4	NÓS	NÓS – A GENTE
P 5	VÓS	VOCÊS
P 6	ELES (A)	ELES (AS)

Quadro 1: Reestruturação do paradigma pronominal (COELHO *et al.*, 2015, p. 154).

O paradigma 1 é o estabelecido pela norma-padrão e encontrado na maioria dos livros didáticos, já o paradigma 2 representa o português contemporâneo e em uso pelos falantes, inclusive pelos que utilizam a variedade dita culta. De acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 154),

A evidente inovação no paradigma 2 deve-se à entrada das formas pronominais ‘você’/‘vocês’ e ‘a gente’ na língua portuguesa. As formas pronominais ‘tu’/‘vós’ e ‘nós’ passaram a conviver com as formas ‘você’/‘vocês’ e ‘a gente’, respectivamente.

Para a autora, as novas formas estão relacionadas ao processo de mudança na base nominal ‘vossa mercê’/‘vossas mercês’, que era uma forma de tratamento inicialmente usada pela aristocracia. Com o tempo esse termo passou a ser de uso geral sendo gramaticalizado e passou da forma nominal para “uma nova categoria (ou classe), a de pronome – ou seja, muda seu estatuto gramatical de nome (item lexical) para pronome (item gramatical)” (COELHO *et al.*, 2015, p. 155).

Fato semelhante ocorreu com a forma pronominal ‘a gente’, pois houve a mudança do nome ‘gente’ para o pronome ‘a gente’. Segundo Coelho *et al.* (2015), a gramaticalização resultou de ‘gente’ (nome genérico) para ‘a gente’ (pronome indefinido), depois para pronome pessoal ‘a gente’ (P4) e concorre no sistema pronominal com ‘nós’.

Para Coelho *et al.* (2015), as mudanças linguísticas no paradigma pronominal não afetaram apenas os pronomes do caso reto, mas o paradigma verbal porque agregaram aos traços gramaticais traços semânticos. Além dessas mudanças na concordância verbal, a alteração no paradigma dos pronomes do caso reto também provocou mudanças que afetaram os subsistemas pronominais oblíquos (ou clíticos) e os possessivos.

As alterações no paradigma pronominal do caso reto foram tema de uma pesquisa realizada em duas escolas estaduais de duas cidades de Mato Grosso, Nova Guarita e Sinop, para averiguar se a mudança ocorre em textos escritos por alunos de

duas turmas de 7º anos do ensino fundamental II. Esta pesquisa será discutida nos próximos tópicos desse artigo.

## **5. Metodologia da pesquisa**

Para a realização do estudo, foram desenvolvidas duas sequências didáticas (SD) pautadas nos pesquisadores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Os alunos também responderam a um questionário sobre seus dados socioeconômicos. Uma das SD foi realizada em Sinop/MT com alunos de uma turma de 7º ano (26 alunos) de uma escola estadual em que a maioria usa o transporte escolar para ir à escola. Uma turma heterogênea, com estudantes alfabetizados e alguns em processo de aquisição da leitura e escrita. A maioria dos alunos é de classe baixa, alguns moram na zona urbana e outros na rural, a escolaridade dos pais vai desde o ensino fundamental incompleto (maioria) até graduação completa (2 casos).

Quanto à origem dos pais dos alunos, eles são de vários estados do Brasil: Paraná, São Paulo, Maranhão, Bahia, Santa Catarina, Pará, Rondônia e Mato Grosso. Já os alunos são a maioria nascidos em Sinop/MT, cidade em que residem, outros nasceram em outras cidades de Mato Grosso e depois mudaram-se para este município citado. Portanto, a turma tem uma heterogeneidade também na composição cultural, até porque em alguns casos a mãe do aluno é do Paraná e o pai do Maranhão, mesclando assim as culturas e as variedades linguísticas.

A SD aplicada na escola estadual de Sinop/MT abrangeu o gênero crônica, gênero que estava na pauta do livro que é trabalhado na escola, pois a turma foi cedida para a pesquisa mediante autorização escrita e a pesquisadora não quis causar transtornos no plano de aula da professora regente que trabalha com o livro didático. Então foi elaborada a SD com o gênero citado voltado para o texto narrativo, que é mais fácil para alunos do 7º ano, o que não desfavoreceu a atividade, pois as crônicas do livro são narrativas.



Além disso, as crônicas são alicerçadas em fatos do cotidiano, favorecendo a discussão sobre as mudanças no paradigma dos pronomes do caso reto. Através de observações feitas pelos próprios alunos na fala de seus professores, assim como em suas casas com seus pais e familiares e depois de assistirem vídeos de programas de entrevistas de alguns canais da televisão, os estudantes constataram que há uma alteração no paradigma pronominal do caso reto.

Em Nova Guarita/MT, a SD realizada pela pesquisadora foi com o gênero conto porque a turma era agitada e optou-se por utilizar material diferenciado do que era trabalhado no livro didático, para, assim, atraí-los e conseguir a cooperação de todos durante a pesquisa. No entanto, trabalhou-se também com a mudança no paradigma dos pronomes do caso reto.

Os alunos do 7º ano da escola estadual em Nova Guarita também responderam a um questionário sobre seus dados socioeconômicos. A turma em que foi aplicada a SD tem um número de 15 alunos, destes, 11 moram na zona urbana e 4 na zona rural. Alguns utilizam transporte escolar para ir à escola, mas os que moram próximos vão a pé ou de bicicleta. Assim como os alunos de Sinop, também é uma turma heterogênea, com alunos alfabetizados e alguns em processo de aquisição da leitura e escrita. A maioria dos alunos igualmente é de classe baixa, com pais com escolaridade variada, pois há aqueles com ensino fundamental incompleto (7 casos), ensino fundamental completo (2 casos), ensino médio completo (4 casos), graduação incompleta (1 caso) e graduação completa (1 caso).

Quanto à origem dos pais dos alunos, são de vários estados do Brasil: Paraná, Maranhão, Minas Gerais, Santa Catarina, Pará, Rondônia, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Já os alunos, a maioria nasceu em Mato Grosso, cada um numa cidade diferente, com exceção de um aluno que nasceu no Pará. Depois, mudaram-se para Nova Guarita juntamente com suas famílias. Portanto, a turma também tem uma heterogeneidade na composição cultural, até porque em alguns casos, por exemplo, o pai do aluno é do Pará e a mãe de Santa Catarina. Assim, as culturas e as variedades linguísticas foram sendo mescladas na formação de suas famílias.

Durante a aplicação das SD, como parte da proposta da metodologia de trabalho com gênero, os alunos produziram um texto inicial e um final. As ocorrências para o envelope de variação foram retiradas do texto inicial para que não houvesse intervenção das pesquisadoras no transcorrer das atividades. Também foram trabalhadas ações linguística, epilinguística e metalinguística a partir de uma proposta sociolinguística.

Nos textos dos alunos foram procuradas ocorrências da mudança no paradigma dos pronomes do caso reto ‘você’/‘vocês’ e ‘a gente’. Vale ressaltar, contudo, que podem ocorrer nos textos escolares mais ocorrência de marcação canônica ‘nós’ do que a P4 contemporânea ‘a gente’ “por se tratar de ambiente escolar – onde geralmente os alunos “sofrem” pressão para escreverem “correto”. ” (AGOSTINHO; COELHO, 2015, p. 82).

## **6. Sinop e Nova Guarita**

Sinop é um município do Estado de Mato Grosso que foi colonizado na década de 1970, é integrante da Amazônia Legal Brasileira e fica localizado a 500 km da capital do Estado, Cuiabá. De acordo com dados do *site* da Prefeitura Municipal de Sinop<sup>3</sup>, o nome do município deriva das iniciais da Colonizadora que projetou a cidade – Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná, e os moradores que iniciaram a colonização vieram, em sua maioria, dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul entre os anos de 1972 e 1973.

A população de Sinop em 2016 foi estimada em 132. 934 habitantes e a cidade é conhecida como a Capital do Nortão de Mato Grosso. Além disso, o município conta com mais de 27. 000 estudantes matriculados em escolas públicas e privadas. Sinop também é conhecida por ser uma cidade universitária por ter estabelecidas instituições de ensino superior como a Universidade do Estado de Mato Grosso e a Universidade Federal de Mato Grosso, além de outras universidades privadas.

---

<sup>3</sup> [www.sinop.mt.gov.br/Conheca-Sinop/A-Cidade](http://www.sinop.mt.gov.br/Conheca-Sinop/A-Cidade)

Entretanto, Nova Guarita é um município pequeno, com aproximadamente 6.500 habitantes. Localiza-se ao norte do Estado de Mato Grosso, distante 700 km da capital, Cuiabá, e 200 Km de Sinop. Suas principais economias baseiam-se na agricultura, pecuária e comércio. Este município surgiu com a vinda de famílias de agricultores do Rio Grande do Sul, arrendatários de áreas indígenas, que foram expulsos no ano de 1978, das reservas indígenas dos municípios de Nonoai, Tenente Portela e Miraguaí, pelos índios Kaingang. A transferência dos agricultores do Sul foi realizada pela Coopercana - Cooperativa Agropecuária Mista Canarana Ltda., responsável pela elaboração de um projeto emergencial de colonização, com a construção de Agrovilas (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA GUARITA, 2016).

De acordo com dados do *site* da Prefeitura Municipal de Nova Guarita/MT<sup>4</sup>, o lugar foi nomeado de Vila Guarita em homenagem à cidade de Guarita, no Estado do Rio Grande do Sul. O termo “Nova” foi incluído para diferenciar o município mato-grossense do gaúcho, local de origem de grande parte dos colonos migrantes. Foi elevado à categoria de município e distrito, com a denominação de Nova Guarita, pela lei estadual nº 5899, de 19 de dezembro de 1991.

Pelos dados acima citados e através do questionário socioeconômico aplicado com os alunos de um 7º ano de uma escola estadual de Sinop e de um de Nova Guarita, é possível perceber que, durante os anos iniciais de desenvolvimento dessas localidades, houve migração de vários estados do país ocasionando uma mescla cultural nos municípios. Mistura cultural que levou a mudanças ou influências no léxico, na morfologia e na sintaxe das variedades locais.

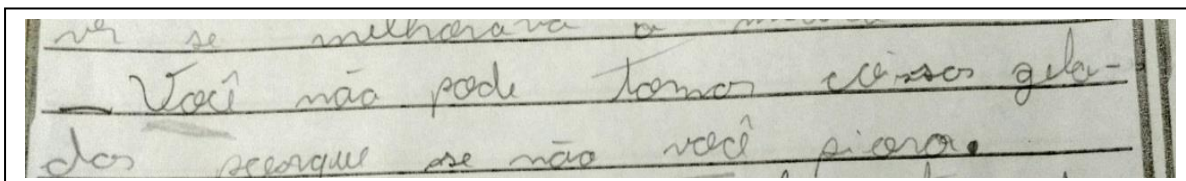
## **7. Envelope de variação**

Na pesquisa observou-se que na escrita os alunos monitoram o uso dos pronomes ‘a gente’ e ‘você’, mesmo em textos narrativos. Algumas hipóteses foram levantadas sobre o pouco uso do novo paradigma na escrita, como a maioria das narrativas estarem em 3ª pessoa e o pouco uso de discurso direto. No caso do

---

<sup>4</sup> [www.novaguarita.mt.gov.br/Historia](http://www.novaguarita.mt.gov.br/Historia)

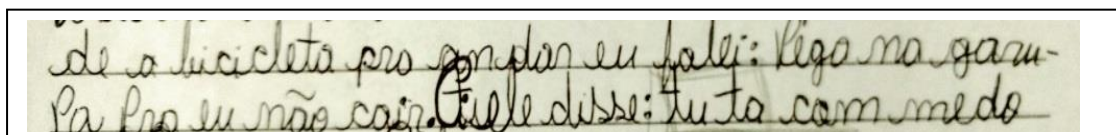
‘você’/‘vocês’ é mais profícuo o uso no discurso direto, uma vez que durante o diálogo pode-se perceber a troca do ‘tu’ por ‘você’. Troca essa que ocorreu em poucos textos que usaram a forma discursiva citada acima.



Ocorrência 1: Aluno da escola estadual de Sinop/MT.

Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

Dos alunos de Sinop/MT, cinco estudantes usaram o pronome ‘você’ em diálogos, já em Nova Guarita houve apenas uma ocorrência. Mesmo com índices baixos, comprovou-se a mudança no novo paradigma pronominal do caso reto. Também é possível perceber entre os alunos um desvio do padrão com respeito à concordância verbal em P2 ‘tu’ encontrado em um dos textos em que o aluno usou: “tu tá com medo”.



Ocorrência 2: Aluno da escola estadual de Sinop/MT.

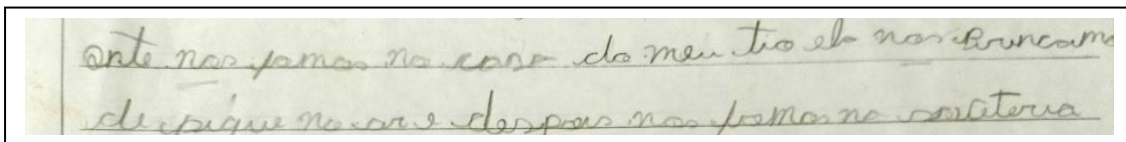
Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

Sobre a escrita regulada, Faraco (2012, p. 45) assevera que

[...] um padrão de linguagem para as atividades escritas tende a ser bastante estável durante um período longo de tempo, principalmente porque o poder social de polícia sobre a escrita é muito maior do que sobre a fala. E isso é facilitado pelo fato da escrita, em razão de seu suporte físico ser menos fluido, conhecer permanência maior que a fala.

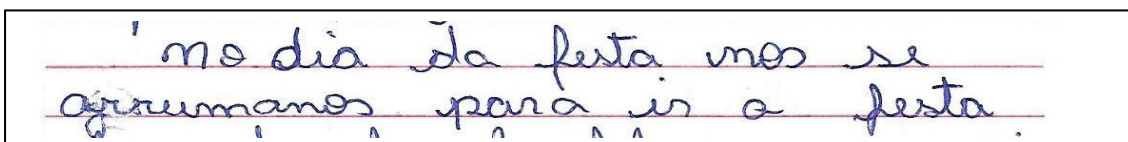
Esta afirmação citada por Faraco (2012) comprova o pouco fluxo nos textos escritos dos alunos do novo paradigma pronominal do caso reto. No entanto, durante as aulas e reflexões realizadas com os estudantes, todos constataram a ausência do uso principalmente da P5 ‘vós’. Entretanto, observou-se que a P4 ‘nós’ em textos escritos aparece com bastante regularidade, presente no morfema **-mos** nas formas verbais.

A marcação da forma canônica ‘nós’ associada ao morfema **-mos** mostra a força da escola sobre o aluno (AGOSTINHO; COELHO, 2015), pois mesmo o aluno em construção da escrita deixou evidente a marca no uso da norma-padrão.



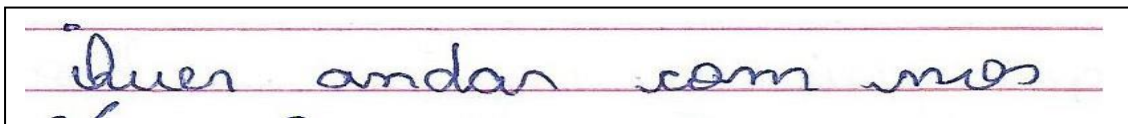
Ocorrência 3: Aluno da escola estadual de Sinop/MT.

Fonte: Arquivo das pesquisadoras.



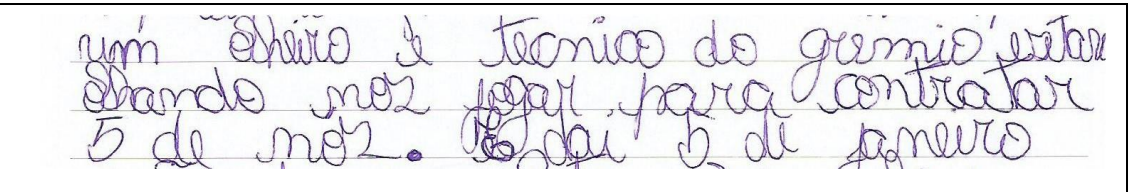
Ocorrência 4: Aluno da escola estadual de Nova Guarita/MT.

Fonte: Arquivo das pesquisadoras.



Ocorrência 5: Aluno da escola estadual de Nova Guarita/MT.

Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

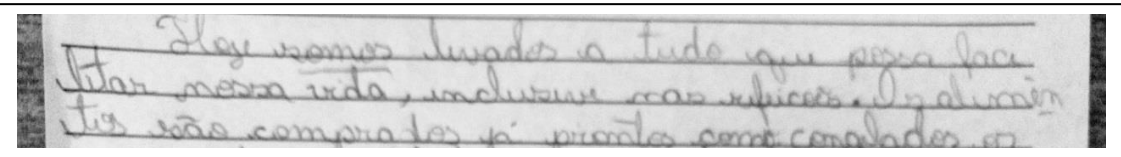


um técnico de gremio' estar  
chamando nos para contratar  
5 de mês. Então é de setembro

Ocorrência 6: Aluno da escola estadual de Nova Guarita/MT.

Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

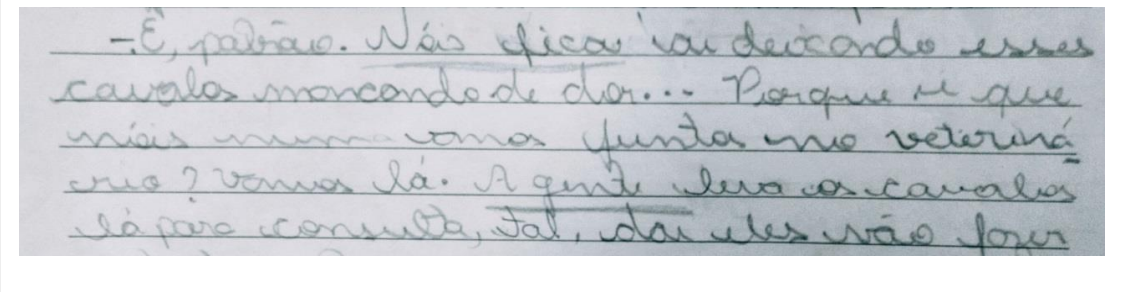
Nos textos dos alunos da turma do 7º ano em Sinop/MT oito deles usaram a P4 'nós' de forma direta e quatro marcaram o morfema **-mos** na forma verbal. Em Nova Guarita, três alunos usaram a P4 'nós' diretamente e não houve ocorrência do uso do morfema **-mos** na forma verbal sem o pronome 'nós'. Constatou-se também que a forma P4 'nós' coexiste com 'a gente' em alguns textos, pois em dois foram utilizadas as duas formas pronominais.



Eles somos ligados a tudo que possa fazer  
nossa vida, inclusive nos ajudarem. Os alunos  
não são como os outros com problemas.

Ocorrência 7: Aluno da escola estadual de Sinop/MT.

Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

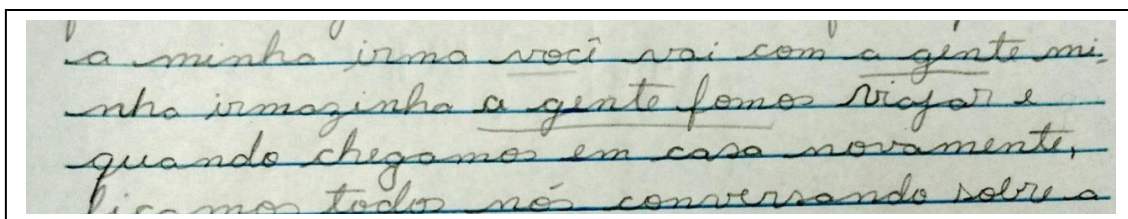


-É, papão. Nós ficou lá deixando esses  
cavalos marcando de dor... Porque se que  
nós numa zona junta no veterinário?  
Vamos lá. A gente levou os cavalos  
lá para consulta, tal, daí eles não foram

Ocorrência 8: Aluno da escola estadual de Sinop/MT.

Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

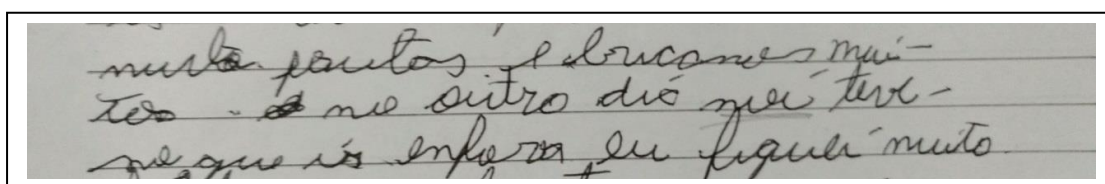
Outra ocorrência que chamou a atenção foi a concordância verbal entre o verbo e o pronome ‘a gente’ com concordância prototípica (gente – **zero**), que pode ser observada na ocorrência 5, também houve o uso de ‘a gente’ com morfema **-mos**.



Ocorrência 9: Aluno da escola estadual de Sinop/MT.

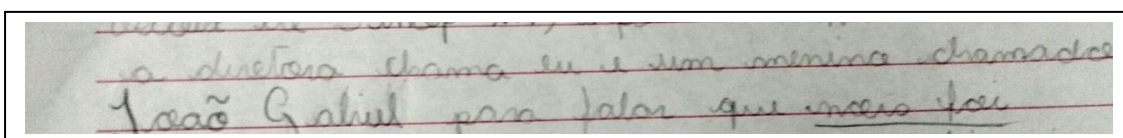
Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

No uso do pronome ‘nós’ foi encontrado o apagamento do **-s (nós -mo)** e o apagamento do marcador de P4, ou seja, sem morfema **-mos/-mo** ou apagamento de **-s (nós - zero)**.



Ocorrência 10: Aluno da escola estadual de Sinop/MT.

Fonte: Arquivo das pesquisadoras.



Ocorrência 11: Aluno da escola estadual de Sinop/MT.

Fonte: Arquivo das pesquisadoras.



Referente à análise realizada, ficaram evidentes as alterações no paradigma pronominal do caso reto contemporâneo, além da marca da escola encontrada no paradigma da norma-padrão nos textos dos alunos. Contudo, há falta de conhecimento sociolinguístico por parte dos alunos para que os mesmos reflitam sobre o uso adequado dos pronomes do caso reto a cada situação de escrita ou de fala.

### Conclusão

As ocorrências apresentadas quanto à mudança no paradigma pronominal do caso reto levam a reflexões sobre a necessidade de uma pedagogia da variação linguística nas escolas. O trabalho sociolinguístico pode contribuir tanto para o conhecimento de questões de linguagem quanto combater preconceitos linguísticos.

Embora sejam alunos de 7º anos e de realidades diferentes, muitas construções apresentaram problemas advindos da falta de um trabalho linguístico que possibilite aos estudantes ampliarem suas competências de língua, linguagem e produção de textos. Cabe salientar aqui a importância de o aluno entender a necessidade da aprendizagem da norma-padrão, que poderá influenciar como degrau em sua vida social e até profissional.

Além disso, é imprescindível propiciar aos professores formações em sociolinguística para que possam discutir as adequações e inadequações linguísticas e realizar um trabalho com letramento e variação em busca de êxito nas atividades que melhorem o desempenho dos alunos em língua portuguesa. Daí a importância de propostas que levem em consideração a formação histórica da língua, as mudanças ao longo do tempo e os fatores sociais.

### Referências

AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento; COELHO, Izete Lehmkuhl. Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar. In: ZILLES, Ana Maria Stall; FARACO,





- Carlos Alberto (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 79-121.
- BORGES, Dalmo *et al.* O Projeto “O Centro-Oeste na história do português brasileiro”: subsídios da sócio-história ao estudo da mudança linguística e hipóteses de trabalho. In: CARDOSO *et al.* (Orgs.), **Variação Linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III encontro do grupo de estudos avançados de sociolinguística da Universidade de Brasília.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 219-237.
- CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana Maria Stall; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 31-51
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma.** 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 35-56
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stall; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 19-30.
- Prefeitura Municipal de Nova Guarita/Estado de Mato Grosso/Poder Executivo. História do Município de Nova Guarita. Disponível em: <<http://www.novaguarita.mt.gov.br/Historia/>>. Acesso em 05/12//2016.
- Prefeitura Municipal de Sinop/Estado de Mato Grosso/Poder Executivo. Histórico do Município de Sinop. Disponível em: <[www.sinop.mt.gov.br/Conheca-Sinop/A-Cidade](http://www.sinop.mt.gov.br/Conheca-Sinop/A-Cidade)>. Acesso em 05/12/2016.

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016.  
Aprovado Para Publicação em 30 de janeiro de 2017.